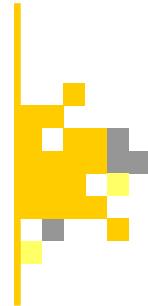


## ARTIGOS

Breno Carlos da Silva<sup>1</sup>

### “Vai lá...mostra para eles que o pé do preto também é branco”<sup>1</sup>: o racismo no futebol brasileiro

“Come on... show them that black people's feet are also white”: racism in Brazilian football



#### RESUMO:

O presente artigo aborda, a partir do universo do futebol, um problema social que ainda macula a sociedade brasileira: o racismo. Por meio de um resgate da História Social do futebol no Brasil procurou-se demonstrar como, a despeito do inegável protagonismo da negritude nesse esporte, desde os primórdios os jogadores negros tiveram que conviver e enfrentar os preconceitos raciais e diversas formas de exclusão que estigmatizam a população negra na sociedade brasileira. Tendo como arcabouço teórico intérpretes e conceitos consagrados no Pensamento Social Brasileiro o escopo desse trabalho consistiu em demonstrar as ambiguidades da presença negra no futebol brasileiro, ou seja, como ao longo de nossa História os grandes ídolos negros da nossa arte ludopédica foram e, de certo modo, ainda são vítimas dessa chaga social no Brasil.

#### ABSTRACT:

This article addresses, from the world of football, a social problem that still taints Brazilian society: racism. Through a review of the Social History of football in Brazil, we sought to demonstrate how, despite the undeniable protagonism of blackness in this sport, since the beginning, black players have had to live with and face racial prejudices and various forms of exclusion that stigmatize football. black population in Brazilian society. Having as a theoretical framework interpreters and concepts enshrined in Brazilian Social Thought, the scope of this work consisted of demonstrating the ambiguities of the black presence in Brazilian football, that is, how throughout our History the great black idols of our ludopédica art were and, in a certain way, therefore, they are still victims of this social plague in Brazil.

**Palavras-chave:** Futebol; Racismo; Inclusão; Exclusão

**Keywords:** Football; Racism; Inclusion; Exclusion

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho"; Professor, Escola SEB, Ribeirão Preto, SP; Poliedro Educação, São Paulo, SP, Brasil.  
brenaiss@gmail.com,  <https://orcid.org/0000-0002-6466-5947>

## INTRODUÇÃO

O universo social do futebol brasileiro é de- veras complexo e, por ser um componente visceral da cultura nacional, evidencia uma gama de dilemas da nossa sociedade, dado que historicamente foi constituído por diversos processos, atores e valores sociais imbricados de forma contraditória e, muitas vezes, tensionada. Assim o futebol permite problematizar, e quiçá compreender com maior acuidade, os grandes dramas da formação social do nosso povo na *Terra Brasilis*.

Dentre essas questões históricas e estruturais da sociedade brasileira podemos colocar em tela a questão racial, que envolve o processo ambivalente de *inclusão e exclusão* da população negra na prática esportiva, como sendo uma amostragem verossímil do problema racial numa perspectiva mais ampla, ou seja, essa questão propicia encampar uma reflexão sobre o racismo brasileiro por meio do universo do futebol.

Nesse sentido, o universo sociopolítico que compõe o futebol no Brasil possibilita um *lócus* privilegiado para compreender de que maneira os personagens centrais e coadjuvantes da nossa arte ludopédica elucidam questões sociais que já estavam presentes desde a gênese da prática futebolística no país no final do século XIX assim como ho- diernamente.

Uma demonstração dessa trama social contra-

ditória observada no futebol brasileiro pode ser verificada ao longo de nossa História, dado que a grande maioria dos nossos “gênios da pelota” foram ou são jogadores negros, ou seja, pretos e pardos<sup>2</sup>. Apesar da notória presença negra quando pensamos os grandes nomes do futebol brasileiro uma mácula sempre esteve presente dentro de campo e em seu *entourage*: o racismo. Um dado é revelador dessa contradição constituída pela *inclusão e exclusão* da população negra no futebol brasileiro: no passado e no presente, a enorme ausência de negros nos cargos que compõem a classe dirigente de clubes e federações estaduais assim como nos cargos de técnicos dos times da elite do futebol brasileiro, apesar de algumas exceções dignas de nota<sup>3</sup>.

Desse modo, o futebol nunca foi a *panaceia* e nem mesmo o ópio do povo brasileiro como diversas interpretações açodadas e reducionistas tentaram imputar ao abordar a questão. Todavia, pondero que se não é salutar pensar de forma idealizada o Brasil e sua formação social apenas por meio do futebol, do mesmo modo não podemos lançar uma análise sociológica sobre a formação da sociedade brasileira moderna sem levar em consideração, em alguma medida, as questões que envolvem o futebol nacional<sup>4</sup>. O ensaísta José Miguel Wisnik conseguiu sintetizar essa questão na obra *Veneno Remédio: o futebol e Brasil* (2008):

Aliás, passam pelo futebol brasileiro linhas incontornáveis das interpretações do Brasil, que se irradiam pela música, literatura e pelas formas de sociabilidade. É possível discutir, como faz Gumbrecht, se o futebol expressa ou não o modo de ser de um país europeu. Mas no Brasil

a questão se coloca de maneira oposta: para o bem e para o mal, uma das mais reconhecíveis maneiras pelas quais o país se fez ser foi o futebol. (WISNIK, 2008. p. 28)

Assim sendo, nos primórdios da prática futebolística no Brasil existia um caráter aristocrático, uma vez que a chegada “oficial” do esporte bretão se deu com homens brancos de “boa família” que foram estudar na Europa (como o paulista Charles Miller e carioca Oscar Cox) e tiveram contatos com o *football* nas escolas de elite do Velho Continente, num período que as regras do futebol moderno eram recentes, uma vez que tinham sido oficializadas pela fundação da *Footbal Association* (FA) em 1863 na Inglaterra.

Segundo o historiador Joel Rufino dos Santos (1981) o denominado “mito fundador” do futebol no Brasil está relacionado ao paulista Charles Miller, filho de um engenheiro escocês com uma mulher brasileira de ascendência inglesa, que tinha ido estudar na Inglaterra e no seu retorno ao Brasil em 1894 teria trazido duas bolas de couro e um livro de regras da *Footbal Association*. Entretanto, existem registros que demonstram que desde meados da década de 1860 e 1870 marinheiros e trabalhadores ingleses jogavam esparsamente em capinzais no litoral e na praia do Glória no Rio de Janeiro.

Era o período inicial da República brasileira no final do século XIX, portanto, logo após a aboli-

ção da escravatura que assolou por séculos a população negra no Brasil. Naquele momento a população negra tinha conquistado sua liberdade, mas estava muito distante de ser incluída no campo da cidadania, afinal como defendia o abolicionista Joaquim Nabuco, o maior problema do Brasil não era a escravidão, mas a sua obra, o seu legado. Nesse sentido, Vladimir Miguel Rodrigues em sua obra *Escravidão, Abolição e Democracia Racial na história e literatura brasileira* (2023) joga luz sobre as heranças deletérias na escravidão para a população negra no Brasil:

Sob a égide do “bonapartismo-colonial-racial” a passagem do trabalho escravizado para o livre mantém a população negra e pobre o domínio do capital, seja pelo controle da lei, defendida pelo capitalista, seja pela repressão das forças policiais, afinal nosso bonapartismo: “será o articulador de uma política de Estado manipuladora e alijadora das massas populares; será enfim, a encarnação e gênese da autocracia burguesa do Brasil”, oprimindo as massas populares, com destaque para o racismo como instrumento de dominação da população negra e pobre. A violência estatal, continuará presente, como veremos, ao lançar a população negra “livre” para a periferia das cidades, sem qualquer tipo de auxílio, escondida na ideologia da democracia racial. A lei não conseguiu transferir a sociedade escravista, a isonomia jurídica, para uma com o mínimo de igualdade de oportunidades. A igualdade perante a lei não se transformou em igualdade

básica entre brancos e negros, pois em país cujo modo de vida material é marcado por uma divisão abismal e o capitalismo é racial, o negro passou de mercadoria para mão de obra barata sem o mínimo de condições para se desenvolver livremente. (RODRIGUES, 2023. p.151)

A conquista da liberdade da população negra após a abolição da escravatura é deveras importante, contudo, foi incompleta quando consideramos a inclusão da negritude a cidadania efetiva no Brasil. Nesse momento, segundo a historiadora e antropóloga Lilia Moritz Schwarz um ditado popular que vigorava nas ruas do Rio de Janeiro expressava essa incongruência: “A liberdade é negra, mas a igualdade é branca”<sup>5</sup>.

Na capital federal as classes dominantes cariocas capitaneavam um projeto modernizador para o Brasil, inspirado na *Belle Époque* europeia, logo, um projeto branco sem negros. Basta lembrar que naquele período alguns elementos culturais ligados umbilicalmente a população negra foram perseguidos e/ou criminalizados e, portanto, proibidos, casos do samba, capoeira e religiões afro-brasileiras<sup>6</sup>.

Nessa época observava-se uma ambivalência: uma tentativa deliberada de exclusão da população negra operada via negação de qualquer possibilidade de participação política e cultural, cujo fundamento era um caráter de diferenciação com os ideias e valores das classes dominantes brancas;

e as diversas ações da comunidade negra que criava seus próprios “espaços”, reivindicando participação política e reconhecimento de suas expressões culturais, por exemplo, o protagonismo negro nos clubes de futebol populares assim como o samba e o choro são baluartes desses atos de resistência<sup>7</sup>.

Esses processos em paralelo indicavam um elemento que iria demarcar a história preambular do futebol brasileiro: a coexistência de práticas futebolísticas restritas a classe dominante branca nos colégios de elite e nos clubes de futebol com atividades que praticavam o futebol em ruas e bairros populares, onde desde muito cedo estavam presentes as chamadas “peladas” ou “futebol de várzea”<sup>8</sup>. Essa realidade paradoxal do futebol brasileiro composta pelas esferas elitista e popular sempre revelou as contradições imanentes da sociedade brasileira e suas assimetrias sociais e, consequentemente, raciais. Para tanto, podemos invocar a famosa definição de Machado de Assis numa crônica publicada em 29 de dezembro de 1861 no jornal Diário do Rio de Janeiro: “Não é desprezo pelo que é nosso, não é desdém pelo meu país. O país real, esse é bom, revela os melhores instintos; mas o país oficial, esse é caricato e burlesco.”<sup>9</sup> Tragicamente, no que tange a questão racial no futebol, o Brasil oficial, caricato e burlesco (branco), se impôs em diversas ocasiões ao Brasil real (negro), apontado por Machado de Assis.

Uma observação arguta do sociólogo Clóvis Moura, um dos grandes intérpretes da condição social dos negros no Brasil, adensa essa questão apontada:

Após o 13 de maio outros mecanismos de baragem e hierarquização ética foram acionados e dinamizados. Usando o princípio de que todos são iguais perante a lei essa estratégia de barragem social se refina. Isto levou a que o cidadão negro – o ex-escravo – não encontrasse oportunidade no mercado de trabalho, na interação social global, tendo um espaço social no qual lhe permitiam uma circulação restrita de tal forma que a sua personalidade, sem conseguir criar mecanismos de defesa contra tal situação se deformou pela ansiedade cotidiana que dele se apoderou desde quando saiu de casa e especialmente quando reivindicou cargos ou funções que a ele, por táticas sub-repitícias e não mais visíveis, não lhe foram permitidos socialmente. (MOURA, 1994. p.153)

## I- DO AMADORISMO AO PROFISSIONALISMO

No início do século XX no Rio de Janeiro, na era do amadorismo do futebol brasileiro, clubes de futebol como Fluminense, Botafogo, Flamengo e América não contavam com negros em seus quadros de sócios e nem mesmo aceitavam jogadores pretos e pardos em seus times. Contudo, dois clu-

bes de “subúrbio” da cidade se destacavam pelo pioneirismo da inclusão de jogadores negros e pobres oriundos das camadas populares da sociedade brasileira: o Bangu e o Vasco da Gama<sup>10</sup>.

O Bangu Atlético Clube foi um clube fundado em 1904 a partir de uma fábrica<sup>11</sup> sediada no bairro do mesmo nome na Zona Oeste e que sempre contou com jogadores oriundos da classe trabalhadora e, por conseguinte, foi um dos pioneiros a contar com jogadores negros em 1904, como Francisco Carregal<sup>12</sup>. Um episódio merece destaque: em 1907, a Liga Metropolitana de Desportes Terrestres (LMDT) no Rio de Janeiro estipulou uma regra que proibia jogadores negros nos clubes que compunham a Liga. Em protesto, o Bangu se retirou da Liga. A regra não tolhia apenas jogares negros, mas além de “jogadores de cor” também excluía quem tinha profissão e classe social inferior<sup>13</sup>. Ou seja, era uma regra que revelava um caráter excludente e elitista, afinal, entendia-se que o futebol dos clubes era uma prática para homens *bens nascidos*, em outros termos, brancos e ricos.

Já o Vasco da Gama apesar de ter uma forte relação com a comunidade portuguesa, sempre contou com uma gama diversa de jogadores, do ponto de vista social e racial, em suas fileiras. Em 1923 o clube cruzmaltino da Zona Norte do Rio, conforme ilustra a Figura 1, conquistou seu primeiro título carioca sagrando-se campeão com o time apelidado de “camisas negras”, composto por joga-

dores negros - pretos e pardos-, e brancos pobres, todos bons de bola. Essa conquista foi um grande marco da presença de jogadores negros nos grandes clubes do futebol brasileiro, sendo reverenciada até hoje pelo clube e sua torcida.

Figura 1 - Clube cruzmaltino da Zona Norte do Rio, em 1923



Fonte: <https://vasco.com.br/conteudo/1923-os-camisas-negras/acesso> (2024)

No entanto, no ano seguinte os clubes abastados e notoriamente “brancos” da Zona Sul carioca, como Botafogo, Fluminense e Flamengo com apoio do Bangu e São Cristóvão se retiraram da Liga (LMDT) e fundaram uma nova entidade, a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA). Visando excluir o Vasco a nova entidade determinou em seu estatuto normas que revelavam seu caráter elitista e excludente: era proibida a inscrição de jogadores sem profissão definida e analfabetos além de exigir que o clube afiliado tivesse estádio. O alvo era o Vasco da Gama, a época

sem estádio próprio e com um time vencedor composto por negros e pobres. A nova entidade foi criada para excluir o clube cruzmaltino devido a sua “audácia” de ter jogadores negros e pobres em seu plantel vencedor, revelando o *modus operandi* do racismo da classe dirigente dos grandes clubes cariocas.

Porém, a despeito dessas práticas excludentes e reveladoras do racismo a época, ao longo da década de 1920 ocorreu um processo marcante da massificação do futebol na capital brasileira, denotando os paradoxos que constituíam o universo social do futebol brasileiro, inclusive com a formação de diversos clubes atrelados a comunidade negra<sup>14</sup>.

Dentre outros episódios relevantes da *inclusão e exclusão* dos negros no futebol brasileiro podemos elencar o pioneirismo da fundação em 1900 da Associação Atlética Ponte de Preta de Campinas, no interior de São Paulo, que desde sua fundação contava com negros em seus quadros de associados, diretoria e elenco; a seleção brasileira celebrou o título do primeiro campeonato sul-americano de futebol de sua História em 1919 com o gol na final do jogador Artur Friedenreich, mulato e um dos artilheiros do torneio<sup>15</sup>; a conquista do “Centenário” da Independência pela Associação Atlética São Geraldo em São Paulo em 1922, um time criado e formados por jogadores negros em 1917<sup>16</sup> e o surgimento do termo “pó de arroz”. Tais

questões suscitavam debates e inquietações na opinião pública e na intelectualidade que passaram a pensar o futebol e suas contradições, sendo que um dos espaços proeminentes desses debates era os jornais da época<sup>18</sup>.

No Brasil, os interesses e análises acerca do futebol têm suas origens no final da década de 1910 quando, de forma pioneira e original, o escritor carioca Lima Barreto inicia seu combate à nova modalidade esportiva que havia desembarcado nas terras brasileiras no final do século XIX. Ele escreveu uma crônica em 1918 publicada no jornal Brás Cubas intitulada “*Sobre Football*”, na qual expõe uma perspectiva que afirmava que o futebol não iria prosperar no país por ser um esporte de elite desprezado pelo povo. À época, o futebol era de fato um esporte elitizado, condição reforçada pelo amadorismo vigente que excluía a participação dos jogadores oriundos das camadas populares.

Ademais, Lima Barreto escreveu diversos outros artigos a respeito, já que acreditava que o futebol iria reforçar a hierarquia social e racial e, por conseguinte, poderia provocar divisões internas na sociedade, sentenciando: “o jogo de pontapé propaga separação social e o governo subveniona”. O escritor chegou a fundar a “Liga Brasileira contra o Footbal” em 1919.

Não obstante, no decorrer das décadas de 1920 e 1930 o universo do futebol passou por pro-

fundas mudanças decorrentes de um processo cada vez mais contundente de massificação cultural futebolística na sociedade brasileira, entretanto, as contradições socioeconômicas e raciais presentes em sua gênese eram aprofundadas, dado que ocorreu a profissionalização dos jogadores, condição que rompia com o amadorismo elitista dos primórdios da prática esportiva. Sobre essa questão é esclarecedora a abordagem do historiador Leonardo Affonso de Miranda Pereira em *Sobre confetes, chuteiras e cadáveres: a massificação cultural no Rio de Janeiro de Lima Barreto* (1997):

“A massificação cultural assume, dessa forma, uma dimensão singular: longe de criar algum tipo de homogeneidade entre os membros de uma sociedade, anulando o conflito entre eles, ela apenas lhes confere um padrão de diálogo – que é, no entanto, lido e interpretado pelos diferentes sujeitos. Somente, levando em conta a comunicação e entendendo os múltiplos significados que ela pode assumir para cada um dos envolvidos, poderemos compreender o dinâmico processo das relações culturais em sociedades que, como o Rio de Janeiro do início do século, não deixam enquadrar na simples oposição bipolar entre o “erudito” e o “popular”. (PEREIRA, 1997. p.241.)

A profissionalização reconfigurava a presença dos jogadores negros nos grandes clubes do futebol nacional, visto que na era do amadorismo os jogadores representavam os associados do clube,

uma vez que tinham que ser sócios para serem jogadores. O time de futebol era a representação mais autêntica do clube e os jogadores eram “iguais” aos sócios, especialmente, do ponto de vista étnico, social e econômico. Por isso “aceitar” um jogador negro a época, era considerá-lo como um igual em relação aos demais sócios do clube, porém revelava certas incompatibilidades em razão de aceitar como sócio um negro de origem social inferior. O profissionalismo transmuta essa relação já que, a partir de então, ao aceitar um jogador negro no time de futebol era considerá-lo como um funcionário, um trabalhador do clube, não mais como um “igual”.<sup>19</sup>

Essa situação era muito comum nos primeiros clubes que encamparam a profissionalização, pois os jogadores negros eram contratados como funcionários que não podiam frequentar a sede social dos clubes, privilégios reservados aos sócios. Dois casos revelam as ambiguidades e resistências a esse processo.

O tradicional e pioneiro clube de futebol de São Paulo, o Clube Athletico Paulistano resistiu, de forma contundente, a profissionalização, se negando a aderir a ela e tendo como consequência o abandono do departamento de futebol no início dos anos 1930. A principal motivação era manter o caráter aristocrático dos primórdios do futebol e evitar o convívio dos associados com pessoas de origens sociais inferiores, visão que já estava presente

em práticas adotadas pelo clube anteriormente.<sup>20</sup> Já o Fluminense no Rio de Janeiro capitaneou a profissionalização para assimilar bons jogadores negros e pobres em seu elenco como meio de qualificar seus times. Porém, os jogadores profissionais do futebol por anos não podiam frequentar a sede social do clube, ou seja, eram aceitos como funcionários, com certo prestígio, mas nunca como um “igual”, ou seja, um sócio.

Do mesmo modo, de forma mais robusta, iniciava o processo de inclusão de jogadores pobres e negros. Essa etapa de desenvolvimento do nosso futebol demonstrava, uma vez mais, a complexa conexão entre *inclusão e exclusão* do negro nos espaços sociais do futebol brasileiro.<sup>21</sup> Esse contexto desencadeou novos olhares da intelectualidade sobre o futebol, sobretudo a partir das análises do sociólogo Gilberto Freyre.

Freyre já tinha demonstrado interesse acerca do futebol em crônicas de costumes escritas para o jornal *A Província* em Pernambuco, em 1929, assim como havia abordado o tema de forma mais incisiva na obra *Sobrados e Mucambos* em 1936, quando esboçou alguns pontos que seriam elucidados no emblemático artigo *Footbal mulato*<sup>22</sup>, publicado em 1938 no Diário de Pernambuco. O artigo foi escrito durante a realização da Copa do Mundo de 1938 na França, e nele Freyre celebra a mestiçagem expressa na sociedade brasileira e encarnada na seleção de futebol, cujo elenco era

constituído por pretos, mulatos e brancos e conquistava vitórias importantes no torneio contra seleções europeias. A seleção brasileira ficou em terceiro lugar naquela Copa e contou com jogadores negros de destaque, como Leônidas da Silva e Domingos da Guia.<sup>23</sup> Domingos da Guia encarnava o protótipo ideal que o governo varguista buscava impingir a identidade brasileira, o mestiço, que no seu caso, possuía um poder simbólico ainda maior, afinal era um dos maiores e mais famosos jogadores de futebol da seleção brasileira:

“Para além da inegável qualidade de seu futebol, outro fator parecia garantir a ele, naquele momento, um destaque especial: a capacidade de aliar as qualidades tidas como inatas a indivíduos de origem africana, como ele, com outras habitualmente associadas aos brancos e europeus. Com traços físicos marcadamente negros, ele era muito diferente do tipo de jogador que costumava até então tomar parte nos times que representavam o Brasil no exterior – sempre composto por rapazes brancos, a maior parte deles de boas famílias do Rio de Janeiro e de São Paulo. Ainda que não fosse o único que por aqueles tempos conseguia tal proeza, estando no bojo de um processo mais amplo de progressiva aceitação no selecionado nacional de jogadores com ascendência africana, parecia encantar de modo especial os jornalistas e escritores que saudavam seus feitos. Ao reunir a malemolência e ginga naturalmente atribuída aos jogadores negros a um estilo de jogo seguro e técnica refinada, Domingos aparecia como

o representante perfeito de uma forma autenticamente brasileira de jogar.” (PEREIRA, 2007. p. 204.)

O sociólogo pernambucano inaugura uma longa discussão sobre a suposta existência de um estilo próprio do jogador brasileiro, sendo esse fruto de um intercâmbio de patrimônios culturais como a capoeira, a dança e o samba:

Nosso futebol mulato, com seus floreios artísticos cuja eficiência – menos na defesa que no ataque – ficou demonstrada, é uma expressão de nossa formação social, democrática como nenhuma e rebelde a excessos de ordenação interna e externa; a excessos de uniformização, de geometrização, de estandartização; a totalitarismos que façam desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal.<sup>24</sup>

É interessante notar que o ano de 1933 é particularmente importante para o futebol brasileiro e as teorias sociológicas acerca da formação do povo brasileiro: nesse ano teve início a profissionalização do futebol que propiciou a consolidação e ampliação da presença negra nos grandes clubes assim como foi lançada a obra de Gilberto Freyre *Casa Grande & Senzala* (1933). Freyre apresenta o conceito que define a civilização brasileira, o denominado “lusotropicalismo” que foi gestado pelo “equilíbrio de antagonismos” ao longo da miscigenação que marcou a formação social iniciada no

período colonial pelos colonos portugueses.<sup>25</sup> Freyre afirma que o “lusotropicalismo” engendrou uma sociedade original e multiracial nos trópicos, ou seja, uma sociedade singular e miscigenada, tese que a época era concomitante com os valores ideológicos do governo do Estado Novo de Getúlio Vargas.

Essa pode ser considerada uma concepção prenhe de armadilhas quando interpretada sob a perspectiva de naturalização do futebol no corpo dos atletas brasileiros, em especial, dos jogadores negros, como se tal habilidade fosse inata e não adquirida culturalmente. Ademais, essa perspectiva freyreana acerca do futebol revela uma premissa marcante e deveras complicada da análise sociológica do autor: o processo de miscigenação teria engendrado uma suposta democracia racial<sup>26</sup> no Brasil, vislumbrada pela realidade social do século XX.

Porém mesmo que essa perspectiva afirmasse que o universo do futebol representava, de forma cabal, essa suposta sociedade miscigenada, onde pretos e pardos eram aceitos devido suas virtudes, concomitantemente, revelava a inconsistência da tese de democracia racial para compreender a sociedade brasileira devido aos paradoxos da presença do negro ao longo do futebol nacional. Outrossim, é necessário sublinhar que as teses freyreanas são criticadas de forma veemente no campo da sociologia brasileira, sobretudo, por te-

rem ensejado análises racistas e reducionistas acerca da complexa formação de nossa sociedade.

Mario Filho, jornalista e escritor, em seu emblemático livro *O Negro no Futebol Brasileiro* de 1947 relata que não eram poucos os jogadores brancos que tinha “nojo” do contato físico dos jogadores negros quando esses começaram a ter maior presença nos grandes clubes do futebol brasileiro. Logo, um ponto que merece ser citado é que a própria invenção do drible e da “ginga” dos jogadores brasileiros, especificamente operada pelos jogadores negros, teria ocorrido como um subterfúgio para escapar da violência tolerada e, muitas vezes, incentivada dos jogadores brancos dentro das pelejas nas primeiras décadas do século XX.

Como nos primórdios do futebol brasileiro a presença de jogadores negros era irrisória e mal-vista nos clubes de elite, reagir as botinadas que eram ovacionadas nas arquibancadas não era uma opção possível, já que poderiam apanhar em campo com certa conivência dos demais jogadores e torcida.

Dessa maneira, nos primórdios do futebol não existia o “drible” pois quando um jogador tivesse que passar pelo seu adversário ele tocava a bola para seu companheiro e recebia no espaço vazio. Porém, como a violência era imposta aos jogadores negros, esses tiveram de inventar um modo para transpor as botinadas de seus adversários, e a gingada oriunda do samba e capoeira fo-

ram adaptadas ao futebol como meio de “driblar seus adversários”. Logo, não se tratava de algo congênito, por ser imanente a natureza dos negros, mas uma criação com pitadas de malandragem resultante de uma articulação de práticas culturais gestadas organicamente pela população negra.

Outro elemento interessante de observar decorre que na década de 1930 até meados da década de 1940 quando o Brasil foi governado por Getúlio Vargas tivemos alguns processos que merecem ser considerados: a profissionalização dos jogadores de futebol em 1933 ocorreu, paralelamente, a incorporação pelo governo varguista de símbolos populares da cultura brasileira, como o samba e o futebol. Nessa década a grande estrela que despontava no futebol brasileiro era Leônidas da Silva, um jogador negro que desfilou sua habilidade futebolística pelos times do Vasco da Gama, Peñarol (URU), Botafogo, Flamengo, São Paulo e seleção brasileira. Leônidas apelidado de “diamante negro” e “homem borracha” ganhou tanto destaque que, segundo Bernardo Buarque de Holanda (HOLANDA, 2004), compunha a tríade dos homens mais célebres da nação a época, ao lado do presidente Getúlio Vargas e o cantor das multidões, Orlando Silva. Estavam lançadas as bases da imagem do Brasil Moderno, (HOLANDA, 2004), como afirmava Mario Filho: “O povo descobrindo, de repente, que o futebol devia ser de todas as cores, futebol sem classes, tudo misturado, bem brasileiro”.

Essas interpretações e análises demonstravam que, desde o início de seu processo de implementação e paulatina popularização no país, escritores, jornalistas e intelectuais se interessavam pelo universo sociopolítico que compunha o futebol brasileiro. Da mesma maneira, os debates e reflexões sobre o processo histórico de constituição dessa prática esportiva no país eram demarcados pelas controvérsias, como podemos perceber em dois casos extremos, como as perspectivas de Lima Barreto e Gilberto Freyre.

Na década de 1940, as interpretações realizadas no âmbito das Ciências Sociais acerca do universo do futebol, em sua maioria na forma de ensaios, de certo modo reproduziam as reflexões e temáticas dos tempos iniciais dessa discussão. Podemos citar o ensaio *O papel da magia no futebol*, de Mario Miranda Rosa (1944), e a resenha elaborada pelo sociólogo Luiz Aguiar da Costa Pinto (1947) sobre o livro de Mário Filho *O Negro no Futebol Brasileiro*, lançado no mesmo ano. Ambos foram veiculados na revista *Sociologia*, periódico científico que era editado pela então Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo.

Cabe mencionar que o livro de Mário Filho estava vinculado à visão freyreana sobre o futebol, ou seja, uma perspectiva que vislumbrava um processo de democratização das relações raciais dentro do universo do futebol.

Outro ponto de destaque são as interpreta-

ções elaboradas pelo intelectual alemão Anatol Rosenfeld, refugiado no Brasil por causa da II Guerra Mundial (1939-1945) e sua origem judaica. Durante a década de 1950, ele publicou uma série de artigos sobre o futebol brasileiro em língua alemã. Após a sua morte, a Editora Perspectiva reuniu e traduziu esses artigos, publicando-os em 1974 num livro intitulado *Negro, Macumba e Futebol* (2007). Essas obras são grandes referências nos tempos seminais da interpretação sociológica acerca do futebol brasileiro e, de formas distintas, abordam como a presença negra no futebol brasileiro possui grande destaque na formação e desenvolvimento da prática esportiva no país, a despeito de suas controvérsias e ambivalências.<sup>27</sup>

## II- O RACISMO NOS ANOS DOURADOS DO FUTEBOL BRASILEIRO

Em 1950 o Brasil conquista o direito de sediar a Copa do Mundo da Fifa, esse fato será marcante na História do futebol brasileiro, afinal, o país poderia revelar ao mundo um ideal de nação que tentava se mostrar moderna, miscigenada e potente, conforme ilustra a Figura 2. A campanha para sediar o torneio teve um papel de destaque desempenhado por Mario Filho que operacionalizou, via recursos midiáticos, um grande apelo popular. Todos os jogos da seleção brasileira foram transmitidos pela Rádio Nacional com as narrações

de Ary Barroso.

Figura 2 – Cartaz e selo sobre o torneio mundial no Brasil



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa\\_do\\_Mundo\\_FIFA\\_de\\_1950](https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_do_Mundo_FIFA_de_1950) acesso (2024)

Porém apesar da empolgação do povo ao longo do torneio, afinal a seleção ganhou jogos de forma soberana - por exemplo, contra Suécia e Espanha no quadrangular final - o Brasil perdeu a final da Copa do Mundo para o Uruguai no Maracanã diante de mais de 200 mil torcedores. O episódio fez recrudescer o racismo que sempre esteve à espreita no futebol brasileiro. Os jogadores negros (o goleiro Barbosa, o zagueiro Juvenal e o lateral Bigode) foram considerados “culpados pela derrota”, o denominado *Maracanaço*.

Segundo, Mario Filho parte da torcida presente no Maracanã depois da tristeza colossal que tomou as arquibancadas começaram a bradar xingamentos e culpar alguns jogadores pela derrota, em especial, Barbosa e Bigode, além do técnico Flávio Costa. Contudo, esses jogadores negros foram escolhidos como “bodes expiatórios” da der-

rota, sendo que outros jogadores negros como Bauer, Zizinho e Jair da Rosa Pinto foram poupanados. (FILHO, 2003). Esse episódio escancara a ambivalência da questão racial que demarcou a inegável presença e força dos jogadores negros no futebol brasileiro, como bem pontuou Vladimir Miguel Rodrigues:

“Ou seja, predominavam nas relações interpessoais brasileiras ora a teatralidade de uma tolerância racial, ora as reações racistas explícitas. Outro que sofreu terrivelmente o fardo racial brasileiro foi o goleiro Barbosa, titular da seleção brasileira de futebol na Copa de 1950, responsabilizado pela derrota para os uruguaios na final da competição no Maracanã, no Rio de Janeiro. Quando a vitória ocorre, somos uma “democracia racial”, quando a decepção acontece, os culpados são sempre aqueles que a sociedade está pronta para acusar, os quais, historicamente foram negros e pobres, revelando a tensão racista.” (RODRIGUES, 2023. p.220)

Por décadas esse episódio ficou marcado como a maior tragédia do futebol nacional, tanto que gerou diversas interpretações sobre uma suposta relação imanente entre o *ethos* do povo brasileiro e a forma que perdemos a Copa do Mundo em casa. Ou seja, que o brasileiro não era competente e confiável em situações de pressão e estaria fadado a sucumbir diante da racionalidade e estabilidade emocional de outros povos, notadamente, os europeus. Uma das mais notáveis foi cunhada

por Nelson Rodrigues, irmão de Mario Filho, em seu “complexo de vira-lata”: “Por ‘complexo de vira-lata’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. O brasileiro é um narciso às avessas, que cospe na própria imagem. Eis a verdade: não encontramos pretextos pessoais ou históricos para a autoestima.”<sup>28</sup>

Todavia, a despeito dos efeitos coletivos do *maracanaço* e da falta de consenso acerca da problematização das possíveis falhas dos jogadores negros na derrota, esses foram elencados como culpados ao longo do tempo, cravando uma suposta “verdade” na memória da sociedade brasileira acerca do fato, mesmo o futebol sendo um esporte coletivo que implica responsabilidades compartilhadas pelo time, tanto nas derrotas como nas vitórias. Criou-se uma concepção de representações raciais sobre pretos e pardos que maculava os jogadores negros em cargos e funções no futebol que demandavam responsabilidade e segurança, como no caso de goleiros e técnicos de futebol. O goleiro Barbosa conviveu ao longo de sua vida com essa pecha de “culpado” pelo *Maracanaço* e tristemente, observou surgir um estereótipo no futebol que “goleiro negro não é confiável”.<sup>29</sup> O escritor Nelson Rodrigues, chegou a escrever uma crônica intitulada o “Frango Eterno”.<sup>30</sup>

Essa concepção que inferioriza e culpabiliza o negro em diversas situações transcende o fute-

bol, pois deriva de valores sociais preconceituosos erigidos historicamente, uma vez que são oriundos de um passado escravocrata, e persistem na contemporaneidade. Esse problema está além do jogo de futebol, todavia o universo do futebol reproduz esses valores e relações de poder contraditórios em relação aos negros.

No final da década de 1950 o Brasil viu surgir a maior estrela da História do futebol brasileiro e mundial, Edson Arantes do Nascimento (1940-2022), o “Pelé”. Considerado o “rei do futebol”, em 2000 foi eleito o jogador do século pela Federação Internacional de História e Estatísticas do Futebol (IFFHS), sendo que em 1981 já tinha sido eleito como o atleta do século pela revista francesa *L'Equipe*, conforme ilustra a Figura 3.

Figura 3 – Pelé, o “Rei do Futebol”



Fonte: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/papeis-historicos-do-senado-mostram-luta-de-pele-contra-o-racismo-negro-vota-em-negro/acesso> (2024)

Não só, já que podemos considerar, com certa tranquilidade, que o brasileiro mais famoso e

venerado da História em âmbito mundial, reconhecido como uma celebridade incontestável foi Pelé: um homem negro de origem humilde que por meio do futebol alcançou essa condição de reverência e reconhecimento internacional.

Pelé conquistou três Copas do Mundo pela seleção brasileira (1958, 1962 e 1970) e se destacou entre as décadas de 1950 a 1970 desfilando seu futebol exuberante pelos times do Santos e Cosmos de Nova York. Mario Filho fez a seguinte descrição sobre o “rei do futebol”:

“Pelé não fazia rir. Mesmo quando fazia coisas de não se acreditar. Gostava de fazer tabelinha na perna do adversário. O adversário sentia a bola batendo-lhe na perna. Tentava apanhá-la, ela já estava nos pés de Pelé. Havia alguma coisa em Pelé que provocava o respeito de todos. Vendo-o jogar, a multidão se sentia num templo de futebol, onde só se admira o entusiasmo das palmas. Em vez de rir a multidão punha-se de pé para bater palmas calorosas de Municipal, de Scala de Milão, de Metropolitan de Nova Iorque. Muitos nem se levantavam. Continuavam sentados, esquentam as mãos, batendo palmas cada vez com mais força. Em Pelé se sentia toda a grandeza do futebol como paixão do povo, como drama, como destino. Pelé era o próprio destino. Era o destino que vestia a camisa amarela do escrete brasileiro. O Deus é brasileiro do dito popular. (FILHO, 2003 p.329)

A conquista da Copa do Mundo de 1958 foi

entendida como sendo uma espécie redenção de diversas questões malogradas na mentalidade brasileira, como a superação da inferiorização do brasileiro frente ao mundo, ou seja, o propalado “complexo de vira-lata” rodriguesiano. Assim como operou a redenção do negro no universo do futebol brasileiro, afinal a seleção campeã de 1958 contava com Pelé, Didi, Garrincha (descendente de indígenas da etnia Fulni-ô) e Djalma Santos dentre outros. Porém, era a figura de Pelé que resgatou a autoestima do negro brasileiro ao conferir uma representatividade de orgulho e virtude para a população negra no Brasil.<sup>31</sup>

Apesar da necessária ressalva que este fato não deve ser lido como a panaceia do racismo à brasileira, torna-se imperioso considerar que não foi pouca coisa numa sociedade marcada pelo racismo estrutural (ALMEIDA, 2019) que atormentava e, tragicamente, ainda atormenta a negritude brasileira. Pelé protagonizou um processo que permitiu colocar o negro brasileiro em outro patamar: a possibilidade de ser reconhecido por suas virtudes e sucesso profissional galgando respeito e admiração incontestes.

A figura de Pelé e sua simbologia potente e positiva abriram caminhos para os negros em diversos âmbitos da realidade nacional, uma vez que singraram espaços no tecido social e na mentalidade brasileira que até então eram reservados a branquitude. Mesmo assim Pelé não passou impun-

ne aos paradoxos da hierarquização racial e suas desigualdades no Brasil.

Para além do inegável reconhecimento da força da representatividade de Pelé para os negros no Brasil, ele também foi cobrado e, por conseguinte, criticado por não ter assumido posturas mais veementes e combativas acerca do racismo assim como pela sua relação com a Ditadura Civil-Militar (1964-1985). Parte do movimento negro e da intelectualidade nacional exigiram por décadas um engajamento mais contundente de Pelé no que tange as questões raciais que assolavam a negritude brasileira.

Segundo a jornalista e pesquisadora Angelica Basthi que escreveu a biografia *Pelé: a estrela negra em campos verdes* (2008) o craque brasileiro só reconheceu ter sofrido racismo no futebol no final da sua vida:

“Pelé passou a vida negando que tivesse sofrido racismo. É a primeira vez que admite ter sido chamado vários momentos de macaco ou de crioulo em campo. (...) Pode-se dizer que se trata de um pequeno avanço contar com esse reconhecimento do Pelé no debate sobre o racismo no futebol, ainda que o contexto utilizado por ele não contribua com a luta por igualdade racial. Mais uma contradição resultando do racismo produzido em nosso país.”<sup>32</sup>

Essa querela sobre a postura de Pelé acerca do racismo desencadeou até o final de sua vida

debates infundáveis que não alcançaram consenso, ou seja, essa questão expressa as ambivalências do processo de *inclusão* ou reconhecimento da força da negritude e suas lideranças e a concomitante *exclusão* ou desvalorização dos negros enquanto protagonistas da cultura brasileira, em especial, no mundo do futebol.

As críticas ao não posicionamento de Pelé ocorriam, de forma mais acentuada, nas décadas de 1960 a 1970, quando o movimento negro ganhava força e representatividade no Brasil e no mundo. Por exemplo, nos Estados Unidos o movimento Black Power contagiava a população negra e confrontava o racismo no país, assim como o grande ídolo do boxe, Muhammad Ali desde os anos de 1960 adotava uma postura contundente de enfrentamento a desigualdade racial utilizando de sua visibilidade e fama como estrela do esporte mundial.

É interessante notar que, justamente nesse período citado, o pensamento social brasileiro começa a pensar com maior profundidade a questão do racismo no Brasil. Autores e autoras começam a se debruçar sobre as origens, fundamentos, práticas e persistências do racismo brasileiro. Podemos ressaltar nomes como os sociólogos Clóvis Moura<sup>33</sup> e Florestan Fernandes<sup>34</sup>, a filósofa, antropóloga e ativista Lélia Gonzalez<sup>35</sup> e o intelectual, político e ativista Abdiás do Nascimento<sup>36</sup> que dentre outros, abordaram de formas diversas a questão racial em

tela.

No final da década de 1950, o sociólogo Clóvis Moura publicou sua obra *Rebeliões da Sennala* (1959) que acabou por consolidar uma nova perspectiva da ciência social brasileira. Concebida por um intelectual negro, que edificou uma análise científica poderosa para efetuar a desconstrução da imagem passiva do negro durante a escravidão e a supostas relações raciais harmônicas postuladas por Freyre (RODRIGUES, 2023). Obras posteriores de Clóvis Moura são importantes enquanto referências do debate teórico desenvolvido pela sociologia no Brasil acerca da temática, como *Sociologia do negro brasileiro* e *Dialética radical do negro brasileiro*.

No mesmo período, Florestan Fernandes realizou pesquisas sociológicas que se debruçaram sobre a questão racial que envolvia a população negra no Brasil. Na visão do sociólogo paulista as relações raciais no Brasil não eram harmônicas e muito menos pautadas numa dimensão democrática oriunda de uma espécie de confraternização. Pelo contrário, eram demarcadas por preconceito e diversas formas de violência e exclusão. Nesse caso, duas obras se notabilizaram, *A integração do negro na sociedade de classes* e *O negro no mundo dos brancos*.

As leituras de Moura e Florestan possuem como esteio teórico o marxismo e, de formas distintas, abordaram a problemática em tela e contri-

buíram para compreensão da questão racial no Brasil:

O racismo brasileiro, como vemos, na sua estratégia e nas suas táticas age sem demonstrar a sua rigidez, não aparece à luz. É ambíguo, meloso, pegajoso, mas altamente eficiente nos seus objetivos. E por que isso acontece? Porque não podemos ter democracia racial em um país onde não se tem plena e completa democracia social, política, econômica e cultural. Um país que tem na sua estrutura social vestígios do sistema escravista, como a concentração fundiária e de renda das maiores do mundo; governado por oligarquias regionais retrógradas e broncas. (MOURA, 1994. p. 160)

O questionamento da suposta democracia racial por esses autores foi contundente e extremamente salutar para ampliar a compreensão das questões raciais no Brasil que implicavam a população negra, mas eram eclipsadas pelos efeitos da leitura freyreana do suposto “equilíbrio de antagonismos”.<sup>37</sup> Consequentemente suscitaram meios para enfrentar e desmascarar as diversas formas de racismo que persistiam no tecido social brasileiro e que eram desconsideradas pela branquitude:

Como podemos ver, há um *continuum* de medidas que se sucedem como estratégia do imobilismo das classes dominantes brancas contra a população negra, em particular, e a não branca, de um modo geral. Essa estratégia racista se

evidenciará em vários momentos, exatamente quando há possibilidades de, através de táticas não institucionais, os negros conseguirem abrir espaços nessa estratégia discriminatória. (MOURA, 1988. p. 134)

Por seu turno, Florestan apontava que a desigualdade racial no Brasil era como se fosse uma “hidra” que se recuperava a cada golpe que sofresse. Demonstrou que, a despeito dos interesses e vínculos de classe que poderiam existir entre brancos e negros pobres unindo esses indivíduos para além das diferenças de “raça”, esses não impiediam que o racismo e as distinções de cor aflorassem, dividindo e opondo esses grupos e, consequentemente, condenando a maior parte da população negra a um ostracismo invisível. (FERNANDES, 2008)

A acuidade de Florestan possibilita compreender com maior profundidade os preconceitos raciais que germinam na sociedade brasileira, inclusive, dirigidos a figuras reconhecidas e celebradas como Pelé. Segundo o sociólogo certas problemáticas resistem ao combate do racismo na sociedade brasileira:

[...] o que fica no centro das preocupações, das apreensões e, mesmo, das obsessões é o “preconceito de não ter preconceitos”. Através de processos de mudanças psicossocial e socio-cultural reais sob certos aspectos profundos e irreversíveis, subsiste uma larga herança cultu-

ral, como se o brasileiro se condenasse, na esfera das relações raciais, a repetir o passado no presente. (FERNANDES, 2007. p. 42)

Já Abdias do Nascimento foi um intelectual e político que militou em prol dos direitos da população negra e no combate ao racismo em todas as suas formas. Foi responsável por diversas iniciativas de reconhecimento da força da negritude na composição da sociedade brasileira. Assim como procurou denunciar os efeitos deletérios da propalada democracia racial:

(...) erigiu-se no Brasil o conceito de democracia racial, [...] tal expressão supostamente refletiria determinada relação concreta na dinâmica da sociedade brasileira: que pretos e pardos convivem harmoniosamente, desfrutando iguais oportunidades de existência, sem nenhuma interferência, nesse jogo de paridade social, das respetivas origens raciais ou étnicas. [...] A existência dessa pretendida igualdade racial constitui 'o maior motivo de orgulho nacional' [...]. No entanto, 'devemos compreender democracia racial como metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo nos Estados Unidos e nem legalizado como o apartheid da África do Sul, mas eficazmente institucionalizado nos níveis oficiais de governo assim como difuso no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país. (NASCIMENTO, 1978. p.41 e 92)

Desse modo, mesmo que possamos considerar que as críticas voltadas ao não posicionamento de Pelé frente as questões racistas que assolam a população negra no Brasil sejam válidas, é um tanto reducionista trilhar essa perspectiva como uma verdade absoluta. Diversos documentos, fatos, relatos e, mais recentemente, entrevistas do próprio Pelé colocam em xeque essa narrativa. Em 1995, quando ocupava a pasta de Ministro dos Esportes Pelé fez um pronunciamento no Congresso Nacional conclamando a população negra a votar em candidatos negros para, em suas palavras, "defender a nossa raça". Para ele isso seria a forma mais efetiva de combate ao racismo e garantia de igualdade e justiça social.<sup>38</sup>

Essa contenda revela a complexidade e os grandes desafios da luta antirracista no Brasil, afinal é inegável a força simbólica da representatividade de Pelé e outros ídolos negros como afirmação positiva da negritude numa sociedade racista como a brasileira. Porém, ela não resolve tudo, pois como ensina Silvio de Almeida, "representatividade não é presença, são coisas distintas".<sup>39</sup> Isso decorre do fato de que a representatividade negra não equivale, necessariamente a poder negro. Uma vez que para além da representatividade é necessário transformar as estruturas e relações de poder maculadas pelo racismo, caso contrário, torna-se um discurso em prol da diversidade, mas que não produz igualdade efetiva.

Assim quando analisamos essa problemática no mundo do futebol percebemos uma constatação do imbróglio exposto, afinal a grande maioria dos grandes jogadores do futebol brasileiro são negros, entretanto, como foi indicado anteriormente, subsiste uma grande ausência de técnicos e dirigentes negros nos clubes e federações do futebol brasileiro.

Destarte, pondero que a presença marcante e virtuosa do negro no futebol brasileiro e o racismo atroz e contumaz ao longo da História dessa modalidade esportiva no país por corroboraram a perspectiva apontada ao longo desse artigo: o processo ambivalente e persistente de *inclusão e exclusão* dos negros no futebol brasileiro.

### III- AS FACES DA PERSISTÊNCIA DO RACISMO NO FUTEBOL ATUAL

Nas décadas de 1970 e 1980 o futebol brasileiro teve jogadores brancos como os grandes destaque, como Rivelino, Zico, Falcão, Roberto Dinamite e Sócrates, apesar de jogadores negros também terem se destacado como Jairzinho, Paulo César Caju, Serginho Chulapa, Luiz Pereira e Reinaldo. Esses jogadores elencados foram citados, pois, dentre outras questões, disputaram no mínimo uma Copa do Mundo pela seleção brasileira.

A partir da década de 1990 até os dias atuais os jogadores brasileiros que tiveram grande

destaque no futebol nacional e internacional eram, majoritariamente, negros: Romário, Rivaldo, Cafu, Roberto Carlos, Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho e mais recentemente, Neymar e Vinicius Júnior. Dentro desses, alguns relataram episódios de racismo no futebol e se posicionaram, como Roberto Carlos e Vinicius Júnior e outros são conhecidos pelo não posicionamento ou até mesmo relativização do problema, como Romário e Neymar.

Todavia, apesar do notório poder simbólico emanado do reconhecimento, fama e riqueza que esses jogadores e outros tantos futebolistas negros conquistaram de forma inegável no imaginário coletivo no país reconhecido, a despeito de ressalvas, como o país do futebol, a questão do racismo seguiu latente e, muitas vezes, explícita, de forma contundente.

Assim é salutar trazer outra referência marcante do debate sobre o racismo, o pensador martiniano Frantz Fanon que em seu texto *Racismo e Cultura* (1980) faz uma análise sobre a complexidade do racismo contemporâneo e suas transformações ao longo do tempo numa determinada sociedade. Silvio de Almeida se fia na perspectiva de Fanon para sentenciar que: “À medida que a sociedade vai se tornando mais complexa, o racismo não ousa se apresentar sem os seus disfarces”. De fato, ainda que tenhamos uma lei desde 1989<sup>40</sup> que criminaliza e, consequentemente, deveria punir o racismo no Brasil, nos últimos anos o proble-

ma recrudesceu nos gramados e estádios brasileiros, e, lamentavelmente, com certa impunidade.<sup>41</sup> Da mesma forma que diversos jogadores brasileiros foram alvo de atos racistas em gramados de diversos países europeus e sul-americanos.

Em vista disso, podemos listar alguns dos diversos casos que, devido ao fato de terem galgado grande visibilidade midiática, se tornaram emblemáticos na opinião pública: em 2005 o jogador Grafite do São Paulo foi xingado de “negro de merda” por um jogador do clube argentino Quilmes em partida disputada pela Libertadores em São Paulo<sup>42</sup>; em 2011 o lateral Roberto Carlos na Rússia sofreu xingamentos num jogo de seu time contra o Zenit de São Petersburgo e um torcedor mostrou uma banana para o jogador durante o aquecimento.<sup>43</sup>

O ano de 2014 foi particularmente marcante, pois além de ter sido realizada a Copa do Mundo no Brasil, muitos casos de racismo ocorreram: outro lateral da seleção brasileira a época, Daniel Alves jogando pelo Barcelona contra a equipe do Villareal na Espanha foi insultado pelos torcedores rivais que arremessaram bananas em direção do jogador brasileiro que reagiu de forma inusitada, pois quando foi cobrar um escanteio, pegou uma das bananas jogadas e comeu-a, e continuou a disputar a partida<sup>44</sup>; o árbitro Marcio Chagas da Silva em partida disputada pelo Campeonato Gaúcho entre Esportivo e Veranópolis na cidade de Bento

Gonçalves relatou que ao longo da partida foi vítima de insultos racistas de parte da torcida local e ao final do jogo teve seu carro riscado e amassado além de terem colocado cachos de banana em seu veículo;<sup>45</sup> o jogador Tinga<sup>46</sup> disputava uma partida da Libertadores pelo Cruzeiro no Peru contra a equipe do Real Garcilazo e ao entrar no jogo no segundo tempo, toda vez que pegava na bola alguns torcedores imitavam sons de macaco nas arquibancadas;<sup>47</sup> ainda em 2014 o goleiro Aranha num jogo do Campeonato Brasileiro contra o Grêmio interrompeu a partida devido as ofensas racistas de parte da torcida rival que se situava atrás do gol do arqueiro santista.<sup>48</sup>

Cabe mencionar que a profusão desses casos ao longo de 2014 acarretou o surgimento de uma importante iniciativa no que tange a preocupação de registrar com maior rigor os casos de racismo no futebol, ou seja, a criação do *Observatório da Discriminação Racial no Futebol* dirigido por Marcelo Carvalho. O trabalho do Observatório é deveras importante, pois cataloga as denúncias, processos, condenações e os atos de resistência frente a problemática e assim fornece uma relevante fonte de dados, em especial, com os relatórios anuais publicados desde então.<sup>49</sup>

Nos últimos anos diversos casos de racismo surgiram nas partidas disputadas na América do Sul, com certo destaque para os jogos que envolviam times brasileiros.<sup>50</sup> Em 2022, torcedores do Bo-

ca Júniors da Argentina numa partida pelas oitavas de final da Libertadores contra o Corinthians em São Paulo fizeram gestos imitando macaco em direção a torcida adversária, três torcedores foram presos e pagaram fiança de R\$ 20 mil para responder os processos em liberdade.<sup>51</sup> O time argentino chegou a ser punido por multa de US\$ 100 mil pela Conmebol. Esse episódio configurou a primeira punição por racismo sob um novo ordenamento jurídico determinado pelo tribunal da entidade que comanda o futebol sul-americano, uma vez que em meados de 2022 foram implementadas duas mudanças no artigo 15º do Código de Disciplina<sup>52</sup> da entidade: um aumento do valor da multa mínima para casos de racismo de US\$ 30 mil para US\$ 100 mil e a possibilidade do clube punido, jogar sem torcida ou com parte do estádio fechado. Até então o Código não previa qualquer punição além da multa.

Infelizmente esses casos citados se alinham a diversos outros que envolveram jogadores negros do futebol brasileiro que foram vítimas de ataques racistas ocorridos dentro de campo ou vindos das arquibancadas. Vou sublinhar dois jogadores que, por serem negros e terem grande destaque no futebol brasileiro e mundial nos últimos anos permitem ampliar a problemática desse trabalho: Neymar e Vinicius Júnior.

Neymar despontou como a grande promessa do futebol brasileiro no final da primeira década

do século XXI e ao longo dos últimos anos se tornou um grande jogador do futebol mundial empilhando títulos defendendo as camisas da seleção brasileira e de clubes como o Santos, Barcelona e PSG (Paris Saint Germain), atualmente, é jogador do Al-Hilal da Arábia Saudita. Inegavelmente foi o maior jogador do futebol brasileiro desde então, contudo, se portou ao longo do tempo de maneira ambígua e, muitas vezes problemática, diante do racismo no futebol.

Em abril de 2010, quando jogava no Santos e tinha 18 anos apenas, concedeu uma entrevista para o jornal o “*O Estado de São Paulo*” e quando indagado pela repórter Débora Bergamasco se já tinha sofrido racismo, respondeu: “Nunca. Nem dentro e nem fora de campo. Até porque eu não sou preto, né?”<sup>53</sup> A declaração a época pode ser entendida como resultante da falta de letramento racial assim como um dos efeitos do problema do colorismo<sup>54</sup> que viceja na sociedade brasileira.

Porém, o jogador vivenciou outros episódios que implicavam em questões racistas demonstrando a falta de compreensão no que tange a gravidade do problema. Em 2011, num amistoso entre a seleção brasileira e a seleção escocesa em Londres uma banana foi arremessada em sua direção durante a partida e quando indagado pelo repórter Fernando Saraiva do canal SporTV respondeu: “Esse clima do racismo é totalmente triste. A gente sai do nosso país, vem jogar aqui e acontece isso.

Prefiro nem tocar no assunto, para não virar uma bola de neve.”<sup>55</sup> O episódio indica que Neymar se “descobriu” negro por meio de uma situação deveras vil, ou seja, sendo hostilizado por insultos racistas no exterior.

Em 2014, logo após o ocorrido com Daniel Alves, Neymar encampou junto ao apresentador Luciano Huck, uma campanha idealizada por uma agência de publicidade chamada Loducca, no mínimo, questionável, constrangedora e superficial ao tratar a questão: “Somos todos macacos”. A suposta intenção era combater o racismo que foi imposto a Daniel Alves na Espanha, porém a campanha foi alvo de diversas críticas por parte do movimento negro a época.<sup>56</sup> Para complicar ainda mais, o slogan da campanha foi apropriado e comercializado por uma empresa de Luciano Huck que vendia camisas com a estampa da campanha.

Em setembro de 2020, no jogo entre PSG e Olympique de Marselha, um dos maiores clássicos do futebol francês, Neymar se desentendeu com zagueiro espanhol Álvaro Gonzalez e o acusou de ter proferido contra ele os insultos em espanhol: “mono, hijo de puta”.<sup>57</sup> Neymar acabou expulso da partida por ter dado um tapa na cabeça do zagueiro<sup>58</sup> e, posteriormente, o zagueiro foi absolvido pelo comitê disciplinar da Liga de Futebol Profissional (LFP) da França da acusação de racismo por “falta de provas convincentes”. Em dezembro de 2020 Neymar e outros jogadores abandonaram

uma partida entre PSG e o time turco Istambul Basaksehir pela Liga dos Campeões da UEFA após o camaronês Pierre Webó, membro da comissão técnica do time turco, ter acusado o quarto árbitro Sebastian Coltescu de proferir injúrias raciais contra ele.<sup>59</sup> Os jogadores das duas equipes abandonaram o gramado em protesto e a partida foi interrompida, sendo encerrada num outro dia, com uma outra equipe de arbitragem.

O caso de Neymar informa uma mudança de comportamento e entendimento frente ao racismo no futebol, porém, devido a suas falas e posicionamentos políticos recentes, é difícil considerar que, a despeito do imprescindível repúdio a qualquer ato racista que ele ou qualquer pessoa negra tenha sido vítima, ele tenha de fato compreendido a gravidade da questão racial no Brasil para além de lampejos ou posturas oportunistas.

Entretanto quando observamos a postura e trajetória de outro grande nome do futebol brasileiro atual, Vinicius Júnior, constatamos uma singular compreensão da problemática do racismo e uma corajosa luta contra essa mácula nos gramados e no universo do futebol. Vini Jr, como é conhecido, é um jovem jogador negro que iniciou sua carreira no Flamengo e em 2016, com 16 anos de idade, foi vendido ao Real Madrid da Espanha, sendo que efetivamente foi para o clube espanhol em julho de 2018. Apesar de ter vivenciado um curto período de adaptação jogando pelo time B do Real

(Real Castilla), logo emplacou seu futebol vistoso e insinuante pelo time principal ainda em 2018. Nos anos seguintes Vini Jr acumulou recordes individuais e diversos títulos pela equipe merengue, como os do campeonato espanhol,<sup>60</sup> da Liga dos Campeões da UEFA<sup>61</sup> e do Mundial de clubes da Fifa.<sup>62</sup>

Contudo, apesar do incontestável sucesso dentro de campo como uma das principais estrelas do futebol mundial na atualidade, desde sua chegada na Espanha Vini Jr teve que lidar com uma chaga que insiste em atormentá-lo: o racismo.

À medida que o jogador se destacava em campo com grandes atuações e gols os ataques racistas contra ele cresciam. Porém, diferentemente de outros jogadores negros, Vini Jr (Figura 4) sempre marcou posição e combateu de frente os racistas com atitudes corajosas e de enfrentamento aos valores racistas que assombram o futebol mundial, suas arquibancadas assim como grande parte de sua classe dirigente e instituições.

Entre outubro de 2021 a março de 2024 Vini Jr foi alvo de ataques racistas em dezenas oportunidades,<sup>63</sup> e sempre manteve sua coragem de confrontar os racistas de cabeça erguida. Muitos desses acontecimentos foram denunciados pelo jogador e até mesmo possuíam registros na forma de imagens, contudo, em diversas ocasiões os culpados não foram punidos. Diante da reiterada impunidade o jogador em maio de 2023 chegou a declarar que “o racismo é normal em La Liga”. Al-

guns desses trágicos episódios precisam ser realçados.

Figura 4 – Jogador Vini Jr



Fonte: <https://www.terra.com.br/esportes/colunistas/breiller-pires/racismo-contra-vini-jr-na-europa-exige-postura-mais-firme-do-governo-lula,e0276fe3badd03e35d386845abd027eb9wjwqexm.html/> acesso (2024)

No dia 16 de dezembro de 2022, durante um programa esportivo “El Chiringuito” numa rede de televisão espanhola um empresário de jogadores de futebol, Pedro Bravo, teceu os seguintes comentários acerca de Vini Jr.: “Se você quiser sambar, vá para o Sambódromo no Brasil” (...) “Aqui, você tem que respeitar seus colegas jogadores. Parem de fazer papel de macaco.” As declarações ocasionaram diversas reações e críticas em defesa de Vini Jr, sendo que ele próprio respondeu aos comentários racistas e xenófobos numa rede social.<sup>64</sup> O dito empresário, posteriormente, acabou pedindo desculpas pelos seus comentários.

Em 23 de janeiro de 2023 antes da partida

contra o Atletico de Madrid válida pelas quartas de final da Copa do Rei torcedores do time rival penduraram um manequim vestindo a camisa do Real com o número (22) e o nome de Vinicius Jr como se estivesse enforcado com uma faixa com os dizeres “Madrid odeia o Real” próximo ao centro de treinamentos do Real Madrid. Quatro torcedores do Atletico de Madrid foram presos e serão julgados por crime de ódio no final deste ano além de terem sido proibidos de se aproximarem menos de um quilometro de distância de qualquer estádio de futebol vinculado a Liga espanhola de futebol.<sup>65</sup>

Outro caso ocorreu em 21 de maio de 2023 na partida disputada em Valência quando Vini Jr confrontou torcedores que estavam atrás de um gol e o insultavam com xingamentos racistas. Por conta disso, o jogo chegou a ser paralisado. O time da casa foi multado e teve três jogos com o setor da arquibancada fechado além de três torcedores terem sido presos sob acusação de crime de ódio. Nesse caso, os acusados foram julgados e, de forma inédita, condenados a oito meses de prisão além de serem banidos dos estádios de futebol por dois anos.<sup>66</sup> Essa condenação pioneira foi um alento para a luta antirracista encampada por Vinicius Jr que diante da condenação fez o seguinte comentário numa rede social:

“Muitos pediram para que eu ignorasse, outros tantos disseram que minha luta era em vão e que eu deveria apenas “jogar futebol”. Mas

como sempre disse, não sou vítima de racismo. Eu sou algoz de racistas. Essa primeira condenação penal da história da Espanha não é por mim. É por todos os pretos. Que os outros racistas tenham medo, vergonha e se escondam nas sombras. Caso contrário, estarei aqui para cobrar. Obrigado La Liga e ao Real Madrid por ajudarem nessa condenação histórica. Vem mais por aí...”<sup>67</sup>

Outras medidas de combate ao racismo no futebol têm sido encampadas graças aos diversos movimentos antirracistas que confrontam a letargia e a impunidade que vigoravam por tantos anos no futebol brasileiro e mundial. Em maio de 2024 a FIFA divulgou que irá punir o racismo no futebol com penalidades esportivas.<sup>68</sup>

A entidade anunciou que irá exigir das confederações nacionais que a integram a criação de artigos específicos em seus códigos disciplinares que enquadrem os crimes de racismo com punições próprias e severas, incluindo o encerramento da partida e a derrota do time que estiver vinculado ao ato racista. Ademais, indica a criação de um gesto específico para ser utilizado pelos jogadores para indicar aos árbitros insultos racistas: os dois braços cruzados na altura dos punhos, com as mãos estendidas e os dedos esticados.

## CONCLUSÃO

Esses movimentos que procuram coibir os atos racistas no futebol e punir seus autores de forma mais veemente são importantíssimos e, concomitantemente, configuram novos olhares, entendimentos e novas práticas quando pensamos as posturas das autoridades que comandam o futebol mundial, uma vez que historicamente foram lenientes e, muitas vezes, não enxergavam a questão como um problema grave a ser enfrentado. Todavia, essa mudança em curso decorre de lutas e posicionamentos corajosos de diversos atletas que ousaram se levantar contra a letargia e, de certo modo, contra a naturalização do racismo no mundo do futebol.

Nesse sentido, esse trabalho objetivou resgatar uma historicidade acerca do racismo no futebol brasileiro tendo como escopo compreender o problema por meio do arcabouço teórico da Sociologia. Para tanto, foram destacados fatos e processos que envolviam alguns dos grandes jogadores negros do futebol brasileiro. Nesse diapasão procurei demonstrar como a inegável presença e protagonismo do negro no futebol brasileiro sempre esteve vinculado ao estigma social do racismo, que produziu ao longo da História um processo contraditório de *inclusão e exclusão* da negritude. O teor da frase que intitula esse artigo expressa essa tônica que vigorou no futebol brasileiro desde a sua

gênese.

Por conta desse processo ambivalente, injusto e cruel, os negros sempre protagonizaram e ainda protagonizam a grandeza do futebol brasileiro, ao mesmo tempo que, no passado e no presente, sempre tiveram que lidar e “driblar” a estigmatização decorrente de uma formação social demarcada pelo racismo.

Portanto, a inexorável complexidade social oriunda de um processo histórico desigual e violento acarretou diversos problemas para o entendimento dos dilemas sociais que estruturaram a sociedade brasileira. E em razão disso, muitas vezes propiciou a condição da “presença da ausência” no que tange ao entendimento e combate do racismo no futebol. Porém, algumas das mudanças recentes, como as capitaneadas por jogadores como Vítor Júnior, permitem vislumbrar um horizonte mais promissor afinal, como ele bem pontuou, o mote dessa luta é operar uma transformação para que os negros como um todo não sejam mais vítimas de racismo, e sim, algozes dos racistas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen. 2019.

BASTIDE, R. **Estudos Afro-Brasileiros**. Perspectiva: São Paulo, 1973.

DOMINGUES, Petrônio. **O “campeão do Centenário”: raça e nação no futebol paulista**. História Unisinos19(3):368-376, Setembro/Dezembro 2015. 2015 Unisinos.

FLORES, L. F. B. N.; GUEDES, S. L. **Universo do Futebol**. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

FANNON, F. **Racismo e cultura**. In: \_\_\_\_\_. Em defesa da revolução africana. Tradução de Isabel Pascoal. Sá da Costa Editora: Lisboa, 1980, p. 34-48.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008 [1952]

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. vol. 1. São Paulo: Globo, 2008.

FERNANDES, F. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Global, 2007.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

FILHO, M. **O Negro no Futebol Brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

HOLANDA, B. B. de H. **O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.

MOURA, C. **Sociologia do Negro Brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

MOURA, C. **Dialética radical do negro brasileiro**. São Paulo: Anita, 1994.

NASCIMENTO, A. **O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

PEREIRA, L. A. M. **Sobre confetes, chuteiras e cadáveres: a massificação cultural no Rio de Janeiro de Lima Barreto**. Cultura e Cidade - Projeto História, São Paulo - SP, v. 14, p. 231-241, 1997.

PEREIRA, L. A. M. **Domingos do Brasil: futebol, raça e nacionalidade na trajetória de um herói do Estado Novo**. Locus (Juiz de Fora), v. 13, p. 193-213, 2007.

**PEREIRA, L. A. de M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902 – 1938.***

Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

**RODRIGUES, N. *A pátria de chuteiras.*** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

**RODRIGUES, N. *À sombra das chuteiras imortais.*** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

**RODRIGUES, N. *A pátria em chuteiras:*** novas crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

**SANTOS, J. R. *História Política do Futebol Brasileiro.*** São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

**SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientes, instituições e questão racial no Brasil:1870-1930.*** São Paulo. Companhia das Letras, 1993.

**SCHWARCZ, L. M. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira.*** São Paulo. Claro Enigma. 2012.

**SCHWARCZ, L. M. *Sobre o autoritarismo brasileiro.*** São Paulo. Companhia das Letras. 2019.

**WISNIK, J. M. *Veneno Remédio: O futebol e o Brasil.*** 1º Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

## NOTAS

<sup>1</sup>Essa frase é problemática por diversas razões, dando que expressa alguns valores sociais que vicejam em nosso tecido social, contudo, indica o cerne de um grave problema que assombra o futebol brasileiro: o racismo. Ela foi adaptada da citação no livro “O Negro no Futebol Brasileiro” (1947) de Mario Filho no contexto do Campeonato Sul-americano de Futebol de 1919, disputado no Rio de Janeiro, quando marinheiros no porto da cidade viram o desembarque da seleção uruguaia e teriam dito a frase para o jogador uruguai “Gradín” (Isabelino Gradín), que era o único jogador preto do torneio, a despeito de jogadores mes-ticos (pardos) em outras seleções, como Friedenreich pelo Brasil. A frase na íntegra seria: “*Vai Gradín, mostra para eles que o pé do preto também é branco*”. Segundo Mario Filho, Gradín e sua habilidade em jogar futebol chamou tanto a atenção dos brasileiros após a sua exuberante exibição no Sul-americano de 1919 que a partir de então, nas décadas seguintes, todo jogador negro que se destaca-se nos campos de futebol do Brasil era taxado de “Gradim”. Portanto, revelando uma fetichização dos jogadores negros dado que a subjetivação lhe era negada assim como uma notória exclusão e toda sorte de preconceitos, como é observado nas palavras do autor ao referir-se à participação de Gradín no torneio e seus efeitos no imaginário do

futebol brasileiro: “*Mas tinha marcado dois gols, era um grande jogador, um preto podia ser um grande jogador, como Gradín. Foi uma praga de Gradins pelo Brasil afora. Todo preto que jogava um pouco de futebol virava um Gradim. (...) Um mulato podia ser um Friedenreich, um preto podia ser um Gradim. Quem quisesse um bom jogador não precisava ir longe. Em todo o canto havia uma pelada. O Brasil com muito mais mulato, com muito mais preto do que o Uruguai. Com muito mais Friedenreich, com muito mais Gradim portanto. De quando em quando chegava alguém num grande clube com a novidade que tinha visto um Gradim. Uns clubes iam ver, outro não iam. E os torcedores fazendo pressão, ‘é um Gradim, parece o Gradim, joga como o Gradim.’*” (FILHO, 2003. p.110-112)

<sup>2</sup>Nos primórdios do futebol nas décadas de 1910 a 1940 jogadores como Friedenreich (1892-1969, a primeira grande estrela do futebol brasileiro), Fausto dos Santos (1905-1939, conhecido como a “Maravilha Negra”, o único jogador negro da seleção brasileira na primeira Copa do Mundo disputada no Uruguai em 1930), Domingos da Guia (1912-2000, considerado um dos maiores zagueiros do futebol brasileiro e alcunhado de “Divino Mestre”) e Leônidas da Silva (1913-2004, apelidado de o “Diamante Negro”) se notabilizaram; na era das grandes conquistas mundiais da seleção brasileira entre as décadas de 1950 a 1970 despontavam os

craques Zizinho (1921-2002, ídolo e modelo de jogador para Pelé), Didi (1929-2001, apelidado por Nelson Rodrigues como o “Príncipe Etíope”), Pelé (1940-2022, considerado o maior jogador de futebol de todos os tempos), Jairzinho (o furacão da Copa de 1970) e Paulo César Caju (disputou duas Copas do Mundo 1970-1974 e era conhecido como sendo um “jogador-problema” devido a sua irreverência e postura questionadora); nas décadas de 1980 a 2000 tiveram destaque jogadores como Reinaldo (o rei do Mineirão), Romário (o craque da Copa do Mundo de 1994 e eleito o melhor jogador do mundo no mesmo ano), Ronaldo (apelidado de “Fenômeno” e três vezes escolhido como o melhor do mundo -1996,1997 e 2002), Rivaldo (jogou no Corinthians, Palmeiras, São Paulo e na Europa bri- lhoul no Barcelona e no Milan, sendo eleito o melhor jogador do mundo em 1999), Ronaldinho Gaúcho (conhecido como o “Bruxo” e duas vezes eleito o melhor jogador do mundo – 2004 e 2005) e mais recentemente jogadores como Neymar (multicampeão pelos times que defendeu além de ter sido capitão na conquista inédita do ouro olímpico para a seleção em 2016) e Vinicius Júnior (jogador do Real Madrid, grande destaque das últimas conquistas do time espanhol e atualmente considerado o jogador brasileiro mais valioso do futebol mundial).

<sup>3</sup>Em 1900, na fundação da Associação Atlética Pon-

te Preta, clube de futebol da cidade de Campinas-SP, seu quadro de associados já contava com pessoas negras, inclusive com destaque para Benedito Aranha que fez parte da primeira diretoria e Miguel “Migué” do Carmo que além de ter sido um de seus fundadores compôs o primeiro elenco de jogadores do clube.

<sup>4</sup>José Miguel Wisnik ao tratar dessa questão traz à baila uma análise do escritor espanhol Vicente Verdú no livro “El fútbol: mitos, ritos e símbolos” (1980): “*Verdú apresenta, propósito, a mais convincente interpretação do futebol como mímese, isto é, como representação do jogo social, justamente porque não o concebe a partir de um esquema de correspondências termo a termo, mas como um teatro tragicômico que engendra suas formas em contraponto com a história social. Ou seja, Verdú não cai no equívoco de pensar o futebol diretamente como “metáfora” — ou espelho — da sociedade, mas reconhece com agudeza o seu caráter metonímico, de índice interno do processo social. Assim, elementos indicativos de mudanças históricas vão entrando no jogo, conotando-o, e remetendo, pontualmente, mas também difusamente, ao todo em que ele se inclui.*” (WISNIK, 2008. p.66)

<sup>5</sup>“Talvez por isso, na época imediata pós-emancipação um sábio ditado popular circulou pelas ruas do Rio de Janeiro: “A liberdade é negra,

mas a igualdade é branca.” A citação se referia à liberdade recém-conquistada pelos negros, com a abolição da escravidão, mas indicava, igualmente, a persistência dos severos padrões de desigualdade no país, problema que ainda aflige os brasileiros.” (SCHWARCZ, 2019 p.31)

<sup>6</sup>O Código Penal de 1890 no “Capítulo XIII – Dos vadios e capoeiras” criminalizava diretamente a prática da capoeira e era empregado para perseguir o samba e os sambistas, uma vez que esses eram enquadrados no crime de vadiagem que poderia render até 30 dias de prisão. O simples fato de portar um pandeiro poderia ser motivo para a acusação de vadiagem a época.

<sup>7</sup>Segundo o historiador João Paulo Streapco essas ações e movimentos da comunidade negra já eram registrados na cidade de São Paulo desde 1909, quando existiam diversos times de futebol ligados às comunidades negras vinculadas ao samba. As tradicionais escolas de samba *Vai Vai e Camisa Verde e Branco*, respectivamente situadas nos bairros da Bela Vista e Barra Funda, são exemplos desse processo, dado que ambas foram fundadas a partir de times de futebol da comunidade negra.

<sup>8</sup>Nome relacionado às diversas práticas recreativas do futebol no Brasil demarcadas por terem regras livres e campos improvisados, geralmente áreas

descampadas com pouca ou nenhuma grama, razão da origem do termo.

<sup>9</sup>Machado de Assis, “Comentários da semana”. Publicado originalmente o ‘Diário do Rio de Janeiro’, Rio de Janeiro, 29 de dezembro de 1861. Obra Completa, Machado de Assis, Rio de Janeiro: Edições W. M. Jackson, 1938.

<sup>10</sup>É uma tarefa complexa e imprecisa definir o 1º clube de futebol a aceitar jogadores negros. Existe uma grande celeuma a respeito entre os pesquisadores acerca da questão, contudo, provavelmente os primeiros clubes a aceitarem negros sequer existem hoje, dado que era mais comum a presença dos negros em clubes pequenos de bairro, de fábricas e populares e que foi paulatinamente incorporada pelos grandes clubes. Por exemplo, em 1900 no Rio de Janeiro existiam entre 40 e 50 clubes, mas apenas 5 sobreviveram ininterruptamente até os dias de hoje,

<sup>11</sup>Companhia Industrial do Brasil fundada em 1889 que, posteriormente, passou a ser chamada de Fábrica de Tecidos de Bangu. <https://www.bangu-ac.com.br/bangu/sua-historia/>

<sup>12</sup>Carregal disputou pelo Bangu um amistoso contra o Fluminense em 1904, partida vencida pelo escrete da Zona Oeste do Rio por 5 x 3. Ver

<https://jogada10.com.br/a-historia-de-francisco-carregal-o-primeiro-jogador-negro-do-brasil/>

<sup>13</sup>Segundo Mario Filho, “nem praça de pré, nem garçom, nem barbeiro. Quem recebesse gorjeta, quem tivesse emprego subalterno, era cortado. Até chauffeur. (FILHO, 2003. Nota de rodapé. pp. 113)

<sup>14</sup>“Novos clubes apareciam a cada ano nas diversas regiões da cidade. A cada mês, a secretaria de polícia da capital recebia dezenas de pedidos de aprovação de estatutos e licença de clubes esportivos – entre os quais aparecem agremiações de diferentes regiões, como o “Catete Foot-ball Club”, o “Municipal Foot-ball Club”, o “Ouvidor Foot-ball Club”, da rua do Ouvidor, o “Tijuca Foot-ball Club”, o “Bom Sucesso Foot-ball Club” e o “Fidalgo Foot-ball Club”, de Madureira – além de um clube com nome sugestivo de “Sociedade Carnavalesca da Miséria e Fome Foot-ball Club”. Além da proliferação de clubes pelos subúrbios, brotavam por todos os cantos agremiações futebolísticas de diferentes corporações profissionais – como o “Carioca Foot-ball Club”, composto por uma associação de operários têxteis ou aqueles constituídos pelos diferentes funcionários de diferentes repartições públicas, como a superintendência de limpeza pública, a guarda civil, ou os correios e o telégrafo. Mesmo os negros, excluídos a princípio do jogo, conquista-

vam aos poucos seus espaços nos campos – fosse em times próprios, como o “Africano”, ou em outros clubes que, como “Sul-América F. Club”, o “Carioca” ou “Sport Club Madureira” que passaram a aceita-los como membros de seus quadros.” (PEREIRA, L. A. M. 1997. p. 238)

<sup>15</sup>Em 1919, o Brasil organizou o campeonato sul-americano de futebol com o intuito de se mostrar um país “novo” e “grande” que deveria demarcar sua presença no continente, afinal tinha sido o único país da América do Sul a fazer parte da “Liga das Nações”. Era o momento de afirmar o futebol como grande vitrine da nação e para tanto, foi construído um estádio de futebol para expressar esses valores e simbologia: o estádio das Laranjeiras no Rio de Janeiro. Na seleção o grande nome era um jovem neto de alemães pelo lado paterno e de negros escravizados pelo lado materno, Artur Friedenreich. Fried, como era conhecido, era um “mulato” (termo empregado a época para referir-se as pessoas pardas, ou seja, negros de pele clara) e que, a despeito de seu incontestável talento futebolístico, para ser aceito pelo mundo do futebol, alisava seus cabelos encaracolados e dispunha em diversas oportunidades de uma pequena touca rendada para prender seus cabelos e esconder suas origens negras. No sul-americano foi o grande destaque da campanha vitoriosa da seleção brasileira, sendo um dos artilheiros do torneio além de

ter marcado o gol que deu a vitória na final contra o Uruguai. Assim, Friedenreich foi o grande nome do futebol brasileiro até o início da década de 1930, porém, por ser negro, tinha que driblar o preconceito e elitismo que imperavam no futebol brasileiro.

<sup>16</sup>“É bom salientar que o São Geraldo não era a única associação atlética do gênero. O Sul Africano Football Club, o 28 de Setembro Futebol Clube, a Associação Atlética Sul-América, o Áurea Futebol Clube, o Esporte Clube Onze Galos Pretos, o União Futebol Club, o Grêmio Barra Funda, o Club dos Cravos Vermelhos, os Marujos Paulistas, o Club Atlético Brasil, o Caveiras de Ouro, o Centro Esportivo Flor da Penha, o Vitória Paulista também constituíam agremiações de negros devotadas à prática desportiva, porém nenhuma delas adquiriu a projeção do São Geraldo. Não é para menos. Ao longo de sua trajetória, o “alvinegro” da Barra Funda colecionou resultados positivos dentro dos gramados, sendo o principal deles a conquista da Copa do Centenário da Independência do Brasil – nome dado ao campeonato paulista de 1922 –, evento que fez parte das comemorações alusivas aos cem anos da emancipação política da nação. Tratou-se de uma competição bastante disputada, que despertou a atenção do crescente número de fãs do futebol. Ao final do certame, o São Geraldo consagrou-se campeão da Divisão Muni-

pal." (DOMINGUES. 2015. p.371)

<sup>17</sup>O termo foi criado pela torcida do América do Rio de Janeiro como um “xingamento” para referir-se ao jogador do Fluminense Carlos Alberto que no início a partir de 1914 vestia às cores do clube e sendo negro costumava usar talco ou pó de arroz para escamotear sua origem negra evitando julgamentos e preconceitos oriundos da arquibancada. Existe uma controvérsia, dado que a versão oficial defendida pelo Fluminense aponta que Carlos Alberto era ex-jogador do América, e na primeira partida contra seu antigo clube, 13 de maio de 2014, a torcida do América ressentida pela perda de seu jogador para o rival proferiu o termo contra ele, que já tinha o hábito de usar talco após se barbear, hábito considerado comum entre os homens a época. E que a questão de preconceito racial imputada ao clube das Laranjeiras seria improcedente, contudo, existem diversos relatos de outros episódios envolvendo sua diretoria a época, assim como de outros clubes cariocas da Zona Sul que contestam essa narrativa do Fluminense acerca de sua postura frente a questão racial.

<sup>18</sup>“Longe de ser um mero formador de opinião, o “quarto poder fora da constituição”, como definia Lima Barreto, os jornais, como empresas comerciais, apenas procuravam trazer em suas folhas os temas e as abordagens de interesse do público le-

tor – sem que deixassem de lado, por isso, o caráter ideológico do tratamento que dariam às mais diversas questões.” (PEREIRA, L. A. M. 1997. p. 237.)

<sup>19</sup>A partir do momento que o ex-escravo entrou no mercado de trabalho competitivo foi altamente discriminado por uma série de mecanismos de peneiramento que determinava o seu imobilismo. Além disso, privilegiou-se o trabalhador branco estrangeiro, especialmente após a abolição, o qual passou a ocupar os grandes espaços dinâmicos dessa sociedade. Surge, como um dos elementos dessa barragem, a ideologia do preconceito de cor que inferioriza o negro em todos os níveis de sua personalidade. (MOURA, 1988. p. 106)

<sup>20</sup>Em 1925, ocorreu uma crise na organização do futebol paulista, o que levou o Clube Atlético Paulistano a abandonar a APEA e decidir criar a Liga de Amadores de Futebol (LAF). Seu gesto foi acompanhado imediatamente pela Associação Atlética das Palmeiras e pelo Sport Club Germânia. A nova associação nasceu com o propósito de “depurar” o futebol e incrementar a prática do esporte sobre as bases do “mais restrito amadorismo” (ROSENFIELD, 1993) In: (DOMINGUES. 2015. p.372)

<sup>21</sup>Uma análise mais arguta e profunda sobre esse

processo é encontrada no livro do historiador Leonardo Afonso de Miranda Pereira *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Hucitec, 2024.

<sup>22</sup> FREYRE, G. Foot-ball mulato. *Diário de Pernambuco*, 17 jun. 1938, p. 4.

<sup>23</sup>Ver PEREIRA, L. A. M. Domingos do Brasil: futebol, raça e nacionalidade na trajetória de um herói do Estado Novo. *Locus (Juiz de Fora)*, v. 13, p. 193-213, 2007.

<sup>24</sup>Adaptado de FREYRE, G. apud FRANZINI, F. No campo das ideias: Gilberto Freyre e a invenção da brasiliade futebolística. *Buenos Ayres: Lecturas: Educación Física y Deporte*. Ano 5 nº 26 - Revista digital (<http://www.efdeportes.com>), 2000.

<sup>25</sup>A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que de outro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala. O que a monocultura latifundiária e escravocrata realizou no sentido de aristocratização, extremando a sociedade brasileira em senhores e escravos, com uma rala e insignificante lambujem de gente livre sanduichada entre os extremos antagônicos, foi em grande parte contrariado pelos efeitos sociais da miscigenação. (FREYRE, 1999)

<sup>26</sup>Cabe uma observação, o conceito democracia racial foi elaborado pelo médico e antropólogo Arthur Ramos, porém é comumente associado ao sociólogo Gilberto Freyre. Isso porque, em sua obra "Casa Grande e Senzala", Freyre foi um grande propagador da ideia de democracia racial ao defender que, ainda que a colonização tenha sido marcada pela imposição dos valores europeus, a grande miscigenação no Brasil teria contribuído para proporcionar uma relação menos conflituosa entre as raças.

<sup>27</sup>Que uma nação se especialize, afinal, em competir no campo da gratuidade improdutiva já é um fato inusual. E que esse campo tenha se tornado largamente capitalizado na sociedade do espetáculo de massa, tendo o futebol como o seu mais rematado e difundido exemplo, faz desse esporte uma via incontornável para se pensar as formas paradoxais de inserção do Brasil no mundo contemporâneo. Ao mesmo tempo, o futebol é a maneira privilegiada pela qual a nação ritualiza um acerto de contas consigo mesma — acerto cíclico, e sob certos aspectos ciclotímnico, do qual as Copas do Mundo se tornaram, a cada quatro anos, a cena principal. Nesses confrontos com o mundo e consigo mesmo, o futebol brasileiro, e por extensão o país, se experimenta como um fármaco, um veneno remédio, uma droga inebriante e potencialmente letal que oscila com uma facilidade excessiva.

va entre a plenitude e o vazio. No campo da discussão cultural, que de certa forma replica a ganância do imaginário coletivo, o futebol é visto ora como expressão otimista de uma singularidade cultural que se expressa em noções intraduzíveis como ginga, malandragem, jeito de corpo, moleagem, tidas como marcas originais da formação mestiça, ora é denunciado como uma via de escape que recobre o enfrentamento das realidades e dá chance à ideia mistificatória de uma “democracia racial”. Na verdade, essas duas posições são insuficientes. No primeiro caso, o pensamento corre o risco de girar em círculo, tomando a malandragem brasileira como explicação da malandragem brasileira, e fazendo do elogio da espontaneidade do país uma espécie de prisão mental. No segundo caso, o uso crítico de categorias histórico-sociais, de modo a não permitir que os conflitos e tensões sejam mascarados pelo entusiasmo nacionalista, tende a fazer dos níveis inconscientes, irredutíveis, estéticos e propriamente lúdicos do jogo um tabu impenetrável, a ser calado sob o pretexto da objetividade da análise. Nessa corda bamba entre duas posições insuficientes é preciso não cair, por um lado, na apologia das qualidades inefáveis do futebol e da versatilidade nacional, sem perguntar como elas se historicizam. E não cair, por outro, no mero exame das condições externas em que o futebol se realiza, sem entrar no mérito arriscado de saber em que é que ele

consiste. (O equilíbrio tem de se fazer, justamente, compensando a queda para os dois lados, de modo que saber cair nos dois riscos seja a condição para não cair da corda.) (WISNICK, 2008. p.181-183)

<sup>28</sup>RODRIGUES, 1993. p.61: Complexo de vira-latas.

<sup>29</sup>Grandes goleiros negros da história recente do futebol brasileiro relatam o convívio e o enorme desafio de lidar com essa pecha ao longo da carreira, podemos elencar os goleiros Dida, que jogou no Vitória, Cruzeiro, Corinthians, Milan e seleção brasileira e Aranha que defendeu as cores do Santos, Ponte Preta, Atlético Mineiro e Palmeiras.

<sup>30</sup>O problema do arqueiro, porém, não se resume ao desgaste físico. Não. Ele sofre um constante, um ininterrupto desgaste emocional. Debaixo dos três paus, parado, dá ideia de um chupa-sangue que não faz nada, enquanto os outros se matam em campo. Ilusão! Na verdade, mesmo sem jogar, mesmo lendo gibi, o goleiro faz mais do que o puro e simples esforço corporal. Ele traz consigo uma sensação de responsabilidade que, por si só, exaure qualquer um. Amigos, eis a verdade eterna do futebol: — o único responsável é o goleiro, ao passo que os outros, todos os outros, são uns irresponsáveis natos e hereditários. Um atacante, um médio e mesmo um zagueiro podem falhar. Po-

dem falhar e falham vinte, trinta vezes num único jogo. Só o arqueiro tem que ser infalível. Um lapso do arqueiro pode significar um frango, um gol, e, numa palavra, a derrota. Vejam 50. Quando se fala em 50, ninguém pensa num colapso geral, numa pane coletiva. Não. O sujeito pensa em Barbosa, o sujeito descarrega em Barbosa a responsabilidade maciça, compacta da derrota. O gol de Ghiggia ficou gravado, na memória nacional, como um frango eterno. O brasileiro já se esqueceu da febre amarela, da vacina obrigatória, da espanhola, do assassinato de Pinheiro Machado. Mas o que ele não esquece, nem a tiro, é o chamado “frango” de Barbosa (RODRIGUES, 1994, p. 64. Expressão originalmente publicada em “Manchete Esportiva” (20 maio 1959).

<sup>31</sup>Se era ‘Rei’ o que eram aqueles pretos admiráveis que o formaram, que o modelaram, que só lhe ensinaram o que era bom? Eis que o todos precisavam conhecer. Para isso ele tinha de ser o que era: um preto. ‘O Preto’. ‘O Crioulo’. Os que o admiravam pelo mundo afora teriam de admirá-lo como preto. Não queria ser melhor que ninguém. O preto não era melhor que o branco, o branco não era melhor que preto. E ele era preto. Deus dera-lhe a cor, mas lhe dera Dondinho e dona Celeste, vovó Ambrosina e tio Jorge. Para que ele fosse mais do que um preto. Para que ele fosse ‘o Preto’. E ajudasse, pela admiração que despertava, como joga-

dor e como homem, a quebrar barreiras raciais. Clubes de todo o mundo sonham com um Pelé, com um preto. Querendo Pelé, sonhando com um Pelé foram se acostumando com o preto. A querer um preto, mesmo que não fosse Pelé. (...) Assim Pelé cumpria sua missão. A de exaltar cor de Dondinho, e dona Celeste, de vovó Ambrosina, e de tio Jorge, de Zoca e Maria Lúcia. Para permitir que os pretos, brasileiros e de todo o mundo, pudessem ser livremente pretos. Enquanto isto não se realizar, Pelé cresce como uma grande figura solitária. A do ‘Preto’. A do ‘Crioulo’, como todos os pretos o chamam para se acostumarem a ser pretos. (idem, p. 342-343)

<sup>32</sup>[https://www.geledes.org.br/pele-foi-alvo-de-racismo-na-carreira-mas-ignorou-luta-antirracista/?gad\\_source=1&gclid=CjwKCAjwo6GyBhBwEiwAzQTmc2gUqO9\\_IMKsecS-8V-4R9UsbK8QdmfB0BthKALxHIDBmmpFDrhJuxoCawEQAvD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/pele-foi-alvo-de-racismo-na-carreira-mas-ignorou-luta-antirracista/?gad_source=1&gclid=CjwKCAjwo6GyBhBwEiwAzQTmc2gUqO9_IMKsecS-8V-4R9UsbK8QdmfB0BthKALxHIDBmmpFDrhJuxoCawEQAvD_BwE)

<sup>33</sup>Autor dos livros *Rebeliões da Senzala* (1959), *O Negro: de bom escravo a mau cidadão?* (1977), *Sociologia do Negro Brasileiro* (1988), *Dialética radical do negro brasileiro* (1994).

<sup>34</sup>Autor das obras *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo* (1955), *A Integração do Ne-*

gro na Sociedade de Classes (1965) e *O negro no mundo dos brancos* (1972).

<sup>35</sup>Autoras das obras *Lugar de Negro* (1982), *A mulher negra na Sociedade Brasileira* (1982), *A categoria Político-Cultural da Amefricanidade* (1988)

<sup>36</sup>Fundador do *Teatro Experimental do Negro* (1959) e autor do livro *O Genocídio do Negro Brasileiro* (1978).

<sup>37</sup>O mito do bom senhor de Freyre é uma tentativa sistemática e deliberadamente bem montada e inteligentemente arquitetada para interpretar as condições estruturais do escravizo como simples episódio epidérmico, sem importância, e que não chegaram a desmentir a existência dessa Harmonia entre exploradores e explorados durante aquele período. (MOURA, 1988. p.114)

<sup>38</sup><https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/papeis-historicos-do-senado-mostram-luta-de-pele-contra-o-racismo-negro-vota-em-negro>

<sup>39</sup><https://www.youtube.com/watch?v=Lo7dznnZ7Ew>. As novas estruturas do poder.

<sup>40</sup>Lei nº 7.716 de 5 de janeiro de 1989. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l7716.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm)

<sup>41</sup>Cabe citar que uma das razões mobilizadas para explicar essa impunidade de atos racistas, não só no caso do futebol, era a linha tênue que tipificava na referida lei, o crime de racismo e a prática de injúria racial. O crime de racismo era definido como conduta discriminatória dirigida a determinado grupo, ao passo que a injúria racial tipificada no artigo 140 § 3º do Código Penal Brasileiro consiste em ofender a honra com a utilização de elementos referentes à raça, cor, etnia, religião ou origem. Todavia, em janeiro de 2023 foi sancionada a Lei nº 14.532/2023 que equipara o crime de racismo e injúria racial. <https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2023/01/sancionada-lei-que-equipara-injuria-racial-ao-crime-de-racismo>

<sup>42</sup><https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2015/04/13/racismo-e-prisao-em-campo-caso-grafite-e-desabato-completa-10-anos.htm>

<sup>43</sup><https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2011/03/roberto-carlos-e-vitima-de-insultos-racistas-antes-de-partida-na-russia.html>

<sup>44</sup><https://placar.com.br/placar/alvo-de-racismo-na-espanha-daniel-alves-come-banana-jogada-por-torcedor/>

<sup>45</sup><https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2014/03/arbitro-marcio-chagas-da-silva-e-vitima-de-racismo-apos-partida-em-bento-goncalves-cj5viv8yb0dfkxbj02ipgrsqc.html>

<sup>46</sup>Tinga já tinha sido vítima de ofensas racistas semelhantes em outros momentos, como em 2005 quando atuava pelo Internacional e num jogo contra o Juventude em Caxias do Sul a torcida do time da casa imitava macaco quando o jogador tocava na bola. Todavia, esse episódio acabou gerando a primeira punição de um clube do futebol brasileiro por racismo: o STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva) condenou o clube do Juventude a pagar multa de R\$ 200 mil além de ter perdido o mando de campo por duas partidas.

<https://observatorioracialfutebol.com.br/historias/o-primeiro-clube-brasileiro-punido-por-racismo/>

<sup>47</sup><https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2014/02/vitima-de-racismo-no-peru-tinga-diz-que-trocaria-titulos-por-igualdade.html>

<sup>48</sup>[https://www.terra.com.br/esportes/santos/goleiro-aranha-e-alvo-de-ofensas-racistas-na-arena-do gremio,a35122e4c2f18410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html](https://www.terra.com.br/esportes/santos/goleiro-aranha-e-alvo-de-ofensas-racistas-na-arena-do-gremio,a35122e4c2f18410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html)

<sup>49</sup><https://observatorioracialfutebol.com.br/observatorio/relatorios-anuais-da-discriminacao/>

<sup>50</sup><https://trivela.com.br/america-do-sul/racismo-conmebol-libertadores-sul-americana/>

<sup>51</sup><https://ge.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2022/06/30/conmebol-abre-analise-sobre-casos-de-racismo-de-torcedores-do-boca-contra-o-corinthians.ghtml>

<sup>52</sup>[https://cdn.conmebol.com/wp-content/uploads/2022/12/Codigo-Disciplinario-2023\\_02-DIC-PT.pdf](https://cdn.conmebol.com/wp-content/uploads/2022/12/Codigo-Disciplinario-2023_02-DIC-PT.pdf)

<sup>53</sup>A entrevista foi realizada pela jornalista Débora Bergamasco e foi publicada na coluna da Sonia Raicy no jornal “O Estado de São Paulo” em 28 de abril de 2010.

<sup>54</sup>De forma sucinta refere se a forma de discriminação pela cor de pele, sendo muito comum em países que vivenciaram a colonização europeia e sociedade pós-escravocratas. Informa que quanto mais pigmentada a pessoa for, provavelmente, sofrerá mais exclusão e discriminação. Contudo, essa questão também revela a problemática que pessoas negras de pele clara, como os pardos, devido à ideologia do branqueamento, terão certas dificuldades para se reconhecerem negras.

<sup>55</sup><https://ge.globo.com/platb/marvio-dos-anjos/2014/05/01/neymar-nao-se-acha-negro-canahice-ou-desinformacao/>

<sup>56</sup><https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2014-04/para-movimento-negro-campanha-somostodosmacacos-reproduz-racismo>

<sup>57</sup>“Macaco, filho da puta” em português.

<sup>58</sup><https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-frances/noticia/video-mostra-toda-a-discussao-entre-neymar-e-alvaro-gonzalez-ate-a-expulsao-do-brasileiro-assista.ghtml>

<sup>59</sup><https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/liga-dos-campeoes/noticia/jogadores-do-psg-e-istanbul-basaksehir-deixam-jogo-apos-suposto-caso-de-racismo.ghtml>

<sup>60</sup>Campeão nas temporadas 2019-2020; 2021-2022; 2023-2024.

<sup>61</sup>Campeão nas temporadas 2021-2022 e 2023-2024.

<sup>62</sup>Campeão nas temporadas 2018 e 2022.

<sup>63</sup>[https://www.espn.com.br/futebol/laliga/artigo/\\_id/13686329/vinicius-jr-real-madrid-racismo-casos-linha-do-tempo](https://www.espn.com.br/futebol/laliga/artigo/_id/13686329/vinicius-jr-real-madrid-racismo-casos-linha-do-tempo)

<sup>64</sup>“Enquanto a cor da sua pele for mais importante do que o brilho dos seus olhos, haverá guerra”, disse ele. “Tenho essa frase tatuada em meu corpo. Tenho esse pensamento em minha cabeça, permanentemente. Essa é a atitude e a filosofia que tento colocar em prática em minha vida”. “Dizem que a felicidade incomoda as pessoas. A felicidade de um brasileiro negro, vitorioso na Europa, incomoda muito mais. Mas minha vontade de vencer, meu sorriso e o brilho em meus olhos são muito maiores do que isso. Fui vítima de xenofobia e racismo. Mas nada disso começou ontem... As danças celebram a diversidade cultural. Aceitem-na, respeitem-na. Eu não vou parar”.

<sup>65</sup><https://www.terra.com.br/esportes/futebol/internacional/equipes/atletico-de-madrid/torcedores-que-penduraram-boneco-com-camisa-de-vini-jr-em-ponte-sao-proibidos-de-ir-a-estadios,8c310ce7b726aab7d04759f9e6b3ba3162pfo8qo.html>

<sup>66</sup>[https://www.espn.com.br/futebol/real-madrid/artigo/\\_id/13767762/torcedores-do-valencia-sao-condenados-a-oito-meses-de-prisao-por-insultos-](https://www.espn.com.br/futebol/real-madrid/artigo/_id/13767762/torcedores-do-valencia-sao-condenados-a-oito-meses-de-prisao-por-insultos-)

racistas-a-vinicius-jr

<sup>67</sup> [https://x.com/vinijr/  
status/1800180515317633169](https://x.com/vinijr/status/1800180515317633169)

<sup>68</sup> [https://ge.globo.com/futebol/futebol-  
internacional/noticia/2024/05/16/fifa-adota-  
punicao-esportiva-contra-racismo-e-cria-gesto-  
para-denuncia.ghhtml](https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2024/05/16/fifa-adota-punicao-esportiva-contra-racismo-e-cria-gesto-para-denuncia.ghhtml)